

51/11

92

EXTRACTO

DE

HUMA CARTA

de Plymouth de 14 de Janeiro de 1830.



Chegou finalmente o desejado Paquète do Rio, e tudo he alegria, e satisfação. No dia 16 de Outubro chegou ao Rio a RAINHA e IMPERATRIZ: o IMPERADOR veio esperal-as fóra da barra n'hum vapór; atracou á Fragata, e apenas a elle coifféo a RAINHA, apertou-a nos braços; vierão para terra e mandou o IMPERADOR anunciar Officialmente ao Corpo Diplomático, a chegada ao Império da Sua Augusta Hospeda, a RAINHA de Portugal: foi o Corpo Diplomático comprimental-na na referida qualidade, e Ella o recebéo em Audiencia publica, cercada só de commitiva Portugueza, sem haver hum só Brazileiro: então o IMPERADOR mandou dizer que era precizo, para dar áquelle acto toda a solemnidade, que houvesse hum discurso analogo, e que este a ninguem competia fazêllo, senão ao Embaixador d'Austria, pelo ser da Córte mais parente; quiz este esquivar-se, mas não houve remedio. O Conde Marshal, que he o referido Embaixador, fez o discurso, e n'elle se notirão as seguintes palavras: "Posto que eu não "tenha instrucções da minha Córte para caso tão extraordinario, e inesperado, com tudo, pelo conhecimento que tenho do coração justo do Imperador meu Amo, e pelos estreitos laços de sangue que o unem a S. M. F., não duvido "affiançar que S. M. I., empregará todos os seus esforços para fazer restituir a Sua Augusta Néta ao Throno que lhe pertence, e que tão escandalosamente lhe foi usurpado."— Houve depois Conselho de Ministros, e n'elle disse o IMPERADOR, que havendo chegado ao Império a RAINHA de Portugal, tinha determinado adoptar as medidas mais vigorosas,

para lhe fazer restituir o Throno que tão atrozmente lhè fôra usurpado; e que nisto esperava ser coadjuvado pelo Ministério: ao que respondêo o Ministro *Calmon*. —“ V. M. I. lançou a luva, e eu a levanto: pôde V. M. I. contar com todos os meus esforços em favor de Causa tão justa, e que eu considéro ligada com a honra e gloria do Império Brazileiro: esta julgo ser tambem a opinião de meus Collegas presentes.”—Levantáráo-se todos, e se declaráráo da mesma opinião.—O IMPERADOR destinou hum Palacio separado, e ricamente mobilado para a RAINHA, mas a IMPERATRIZ lhe disse, que tinha contrahido tal amizade á RAINHA, que mal poderia viver sem Ella; e que por isso pedia a S. M. I. a Graça de a deixar viver com Ella, ao que Elle annuo, ficando o outro Palacio porém destinado para tudo o que he proprio da RAINHA, como RAINHA de Portugal.—A noticia da Victoria alcançada n’essa venturosa Ilha contra os infames Miguelistas, enthusiasinou os Brazileiros, e fez a nossa Causa tão popular, que ninguem hoje se oppõe a medida alguma.—O *Marquez de Barbacena* he hoje o válido; e elle tem a peito a nossa Causa.

Que essa Ilha vai ser o centro de todas as operações contra o Usurpador, nós nos inclinamos a acreditar; e pôde muito bem ser que logo que cheguem os primeiros vasos de guerra (que sem dúvida ahí hãode tocar) a Regencia parta para essa, assim como os restantes Portuguezes que estão espalhados por este Reino, pela França, e Belgica.—O Usurpador já dêo ordem, que foi publicada na Gazeta de Lisboa, para todos os Navios mercantes, antes de sahirem a barra, hirem ao Arsenal buscar o segredo de signaes adoptados, polvora e balla para se defenderem do inimigo, caso sejam perseguidos; mas não declara qual he o inimigo! De novo tornou a chamar ás prayas alguma Tropa, e Ordenanças apenas para vigiarem a Costa!! O Regimento 4.º de Infantaria, foi ultimamente mandado sahir do Porto, depois de lhe desertarem mais de 200 Praças, para se unirem á *Causa da honra*; muitos estão escondidos n’aquella Cidade, e d’outros consta que já embarcáráo á custa d’algumas Commissions, que ali existem para promover a emigração, que tem sido incalculavel.

A miseria a que hoje está reduzida a nossa infeliz Patria, faz verter lagrimas de sangue, a ponto que huma grande parte dos rebeldes estão hoje bem arrependidos de seus crimes, e eniquidades; porem não seja isto pretexto para escaparem ao ferro, ao pêzo da devida justiça, e merecida vingança: as feridas ainda estão abertas; e o sangue de tantas victimas innocentes, sacrificadas á arbitriedade, pedem vingança, e exemplar castigo.

No Times de 5 de Janeiro de 1830 se lê, alem d'alguns artigos da Carta acima, e por formaes palavras, mais o seguinte.

Igualmente sabêmos por Cartas particulares, que alguns Navios de Guerra Brazileiros estavam promptos, e todos os dias esperavão sabir com direcção a porem-se debaixo das ordens da Regencia de Portugal residente n'este Paiz.

Já affirmamos esta manhã, que foi contrahido hum emprestimo com o Marquez de Barbacena antes que elle deixasse este Paiz, e esperava-se que fosse ratificado pelo primeiro Paquête: a ratificação não chegou por elle, porem o Paquête trouxe a noticia da Curveta *Maria da Gloria* estar prompta para o fim de traser, não sómente aquella ratificação, mas complectas instrucções, e fundos para a Regencia Portugueza. He desnecessario acrescentar que estas noticias tem deleitado os Emigrados Portuguezes tanto no Brazil, como n'este Paiz.

Nós não estamos auctorizados para mencionar os nomes dos Contractadores, porem responsabilisamo-nos pela verdade de existencia de hum tal contracto, e que a ratificação diariamente se espera chegar pela dita Curveta *D. Maria da Gloria*.

A Rainha de Portugal deu tambem huma audiencia em separado aos Ministros Estrangeiros residentes no Brazil.

Sabêmos mais que Imperador está inteiramente determinado a sustentar os Direitos de sua Filha como Rainha de Portugal: e que tres Navios de Guerra tinhão sido mandados equipar immediatamente para levar soccorros á Terceira.

